



Adeptos do Daime buscam integração com Deus e a natureza no interior da floresta



Desenvolvimento auto-sustentado foi solução encontrada para sobrevivência na selva

Mapiá pode ser exemplo para a ocupação da Amazônia

Elias Fajardo

As recentes denúncias de que adeptos do Santo Daime estariam desmatando a Amazônia, veiculadas pela revista alemã *Der Spiegel*, e a visita do deputado americano Tom Hayden à Vila do Mapiá colocaram em evidência o conjunto formado pelas florestas nacionais do Purus e do Mapiá-Inaui, a noroeste do Amazonas, com 567 mil hectares (cerca de quatro vezes a área da cidade de São Paulo). Criadas em 1988, as florestas foram o maior presente ecológico que o governo Sarney deixou ao governo Collor.

Como lá não há ouro e também não existem mais subsídios à pecuária na Amazônia, o local está livre do perigo de depredação imediata. Vivem na área apenas sete comunidades (uma delas a do Daime), com cerca de 2 mil habitantes no total. O governo e o povo brasileiro têm assim uma oportunidade única de promover a ocupação racional, sem destruição, de uma área belíssima, cheia de lagos, rios e pássaros, evitando os desastres ecológicos acontecidos em Rondônia e no Acre. O JORNAL DO BRASIL acompanhou com exclusividade a visita de Tom Hayden à região e sobrevoou de helicóptero aquele que é um dos últimos redutos intocados do planeta.

Ecologia rentável — Um dos principais objetivos da viagem de Tom Hayden ao Brasil foi fazer contatos para incentivar investimentos americanos em produtos naturais feitos por comunidades que vivem em reservas ecológicas. Ele sabe que isto não é tarefa fácil, pois as grandes companhias querem comprar, por exemplo, toneladas de óleo de copaíba, enquanto as comunidades têm uma capacidade de produção muito pequena. Mas a idéia está lançada e faz parte do pensamento ecológico mais avançado do Primeiro Mundo, que prefere viabilizar projetos ecológicos rentáveis, ainda que a longo

prazo, do que financiar a fundo perdido.

Dizer que Tom Hayden, 51 anos, deputado estadual democrata pela Califórnia, é o ex-marido da atriz Jane Fonda, com quem foi casado por 15 anos, seria reduzir a sua dimensão política, embora este seja o item mais conhecido do currículo dele. Na verdade, Hayden é um ecologista e ambientalista envolvido em batalhas legais para melhorar a qualidade de vida em seu estado, tendo sido também um radical dos anos 60 que lutou contra a guerra do Vietnã e fez parte do famoso grupo *Os Sete de Chicago*, acusado de provocar violência na convenção do Partido Democrata em 1968. Em sua recente visita ao Brasil, ele exibiu um pique físico invejável, que lhe permitiu andar dois dias inteiros na reserva do Daime em Mapiá, na Amazônia. Também esteve dois dias em Manaus, visitando as pesquisas do Instituto de Pesquisas da Amazônia, Inpa.

Segundo Hayden, não importa muito se os grupos que os órgãos ecológicos americanos pretendem financiar sejam religiosos, de índios ou seringueiros. "O principal", diz ele, "é conhecer o impacto da ocupação destes grupos sobre a floresta e as possibilidades de as comunidades se sustentarem economicamente".

Uma pergunta inevitável é porque os ecologistas do Primeiro Mundo se preocupam tanto em preservar o ambiente dos países pobres, enquanto em seus próprios países os problemas são bem maiores. Ele responde indiretamente: "Vivemos num planeta em que a preocupação ecológica é cada vez mais global e haverá uma conferência internacional de meio ambiente no Brasil em 1992 que pretendo acompanhar. Mas é óbvio que é preciso começar a limpar a nossa própria casa e nosso próprio país".

Embora não veja nenhuma ligação entre as comunidades hippies em que vivia na Califórnia nos anos 60 e as de hoje no Brasil, ele valoriza as experiências comunitárias: "Estive

em muitos países e vi que a tentativa de salvar o meio ambiente tem sido liderada pelas comunidades. Salvar o planeta não é tarefa só para os que têm o poder, é uma questão de todos. As grandes instituições e empresas são as maiores responsáveis pela poluição, mas mudar a maneira de as grandes instituições agirem é tarefa para as comunidades organizadas. É preciso estar atento, forçar as grandes empresas a agir, mudar o comportamento geral".

Poluição cara — Tom Hayden confessa ter uma visão apocalíptica sobre o futuro do homem na terra. "Quando penso no crescimento acelerado da população e na destruição, entendo que precisamos de uma grande consciência mundial, uma revolução ambientalista antes que seja tarde." Mas ao mesmo tempo afirma que o principal problema não é o crescimento da população, mas a má distribuição da riqueza, da terra, da saúde e do poder. "A maioria das pessoas pensa que é muito caro limpar o ambiente. Eu acho mais barato limpar o ambiente do que viver num mundo poluídíssimo".

Muitos dizem que a geração de Hayden tentou mudar o mundo e, como não conseguiu, caiu no ceticismo. Mas ele nega isto. "Espero que tenhamos conseguido mudar o mundo, embora não tenha sido do jeito que quisemos. Nos Estados Unidos, acabamos com a guerra do Vietnã, iniciamos a libertação da mulher e fomos um dos primeiros países a implantar uma legislação ambientalista forte. Mas ainda temos um governo muito relutante nos assuntos mais importantes e não conseguimos as vitórias políticas que esperávamos. E tivemos as tragédias das mortes de Martin Luther King e Robert Kennedy. Hoje temos uma geração de transição entre dois tempos e dentro de pouco mais de dez anos os Estados Unidos terão mudado muito para melhor. Os estudantes americanos hoje são muito conscientes sobre direitos humanos e meio ambiente e isto é ótimo".



Tom Hayden: investimentos



Comunidade convive com contradições

A comunidade do Mapiá, liderada por Alfredo Gregório de Melo, filho do padrinho Sebastião, o fundador da seita, tem hoje mais de 70 habitações, igreja, escola, ambulatório, creche, armazém, casa de farinha, escritório, cozinha comunitária, rede elétrica a diesel e a energia solar. A vila conta com mais de 400 pessoas, cerca de 77 famílias. Quase 50% desta população tem até 15 anos, o que torna premente a criação de mais escolas, o que já está sendo feito em convênio com o Ministério da Educação. O último censo, de 1990, encontrou também 16 pessoas com mais de 36 anos, mortalidade infantil zero e 250 pessoas em condições de votar.

Além da vila do Mapiá, a comunidade tem ainda mais 20 colocações (nome que se dá na Amazônia à casa e seu entorno no meio da floresta). Seus moradores também tomam uma bebida feita do cipó jagube (*Banisteriopsis kaapsis*) e da folha de uma planta chamada rainha (*Psychotria viridis*). Acreditam que a bebida os leva a entrar em contato e interação com Deus e a natureza. Portanto, seriam os primeiros interessados em preservá-la.

Mas na prática vivem a contradição de quem habita a Amazônia. Precisam

ter casas, gado, plantações — o que pressupõe desmatamento, ainda que o que eles realizaram até agora seja mínimo em relação à área que ocupam. Por isso, a comunidade não está automaticamente livre do perigo de descumprir as normas ecológicas. Um exemplo são as margens dos dois igarapés que banham o local, bastante desmatadas, o que é proibido por lei, já que as matas ciliares perto das nascentes devem ser protegidas. Mas o povo do Daime faz autocrítica e promete replantá-las com espécies nativas.

"A gente precisava deste balanço para alertar nosso povo. Mas é bom que olhem o que vai acontecer daqui pra frente, e não o que já passou", diz Lúcio Otávio Mortimer, 43 anos, há 16 no Daime, referindo-se à controvérsia provocada pela denúncia da revista *Der Spiegel*.

Mapiá vai vivendo seu cotidiano, onde o dinheiro praticamente não circula, cada família recebe uma feira básica feita em Boca do Acre ou Rio Branco, e todos tentam ser irmãos. Entretanto, não pode prescindir da tecnologia. Um sistema de comunicação via rádio, instalado brevemente, vai evitar muitas e penosas viagens de canoa até Boca do Acre, mas ao mesmo tempo pode trazer novidades, modismo, consumo, coisas que eles que-

riam evitar quando se mudaram de Rio Branco. Sempre que possível preferem a tecnologia alternativa, como a energia solar que ilumina o ambulatório local.

Tudo isto custa caro e a solução parece ser a preconizada tanto pelos ecologistas brasileiros menos obtusos como pelos americanos: atividades que deem lucro para a sobrevivência da comunidade. Quanto à relação com as autoridades da área do meio ambiente, dependem da harmonia entre os adeptos da multa e os que preferem orientar e trabalhar ao lado das comunidades. Até porque as autoridades acabam sempre punindo os pequenos poluidores, pois os grandes sempre escapam.

Alheios a todas estas discussões, os meninos do Mapiá nadam no igarapé, deixam-se levar pelo movimento amoroso das águas e acreditam na doutrina que prega a união do sol, da lua e das estrelas. Que futuro terá a vida deles sobre a terra? Isto nem o padrinho Sebastião nem o secretário do Meio Ambiente podem responder. Mas mais perto de uma resposta parecem estar aqueles que acreditam que a maravilha das maravilhas está tanto nas árvores da floresta quanto no cérebro do mais avançado dos computadores. (E.F.)

BID financia experiência na floresta

Em 1983, aceitando uma sugestão do extinto Inca (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e seguindo orientação de um sonho de seu líder, Sebastião Mota de Melo, os adeptos da seita do Santo Daime se instalaram no local conhecido como Mapiá, à beira do igarapé do mesmo nome, a noroeste do Amazonas, entre os rios Inaui e Pauini, afluentes do Purus. Apesar de as terras serem devolutas e de várias tentativas que fizeram, não conseguiram regularizar a situação de titulação da área.

Em junho de 1988, depois da morte de Chico Mendes, o governo brasileiro criou duas florestas nacionais: a do Purus, com 256 mil hectares, e a de Mapiá-Inaui, com 311 mil hectares. Pela lei, seus ocupantes deveriam ser indenizados e retirados da floresta, mas isto não foi feito. Dentro destas florestas nacionais vivem apenas o povo de Mapiá e mais seis pequenas comunidades não religiosas que exploram a seringa e a pesca.

Depois da denúncia do *Der Spiegel*, os órgãos oficiais ficam num dilema: Mapiá não tem características de floresta nacional (pois já é ocupada com um agrupamento de pessoas) e nem de reserva extrativista (que pressupõe exploração de borracha e castanha), atividades consideradas não predatórias.

Com US\$ 230 mil financiados pelo Banco Mundial (BID), por sugestão do Conselho de Meio Ambiente da ONU, a comunidade pretende criar em Mapiá um sistema de exploração de castanha do Pará e de óleos vegetais. Os produtos seriam escoados nos meses das águas, quando os rios são navegáveis, explica Paulo Roberto Silva e Souza, presidente da Coopeama, Cooperativa Extrativista da Amazônia, ligada à comunidade.

O maior problema da ocupação da Amazônia é a fixação de população no local com atividades auto-sustentáveis. O próprio governo estimula uma linha

de entendimento com as comunidades que, segundo Paulo Roberto, se transformariam nos verdadeiros guardiões da floresta, exercendo atividades que, pela própria natureza, exigiram a não destruição da mata. "Não inventamos nada novo, diz Paulo, estamos copiando o modelo do seringueiro, que por sua vez o copiou do índio, uma tentativa de se harmonizar com o meio ambiente e viabilizar uma ocupação racional".

No final de fevereiro, uma expedição sai do Céu do Mapiá para levar educação ambiental às 70 famílias ribeirinhas. Mas vai também pesquisar. O caboclo que ainda resiste na beira do rio, embora paupérrimo e tendo de matar e desmatar para comer, conhece mais a mata do que muito técnico formado. A expedição vai deixar com os caboclos um calendário com informações sobre os ciclos da floresta e, seis meses depois, voltam para recolher as informações dadas pelo povo da terra. (E.F.)